



# HISTÓRIA E RESISTÊNCIA

A história não é neutra. A história tem partido. A história dominante – permitam-me a paráfrase – é a história da classe dominante. A história ou é feita a partir da perspectiva do dominante ou é feita a partir da perspectiva do dominado. Que é como quem diz: a história ou é feita a partir da perspectiva do torturador ou é feita a partir da perspectiva do torturado. A história neutra é a história feita pelo dominante a fazer de conta que não é. Nós, na URAP, não acreditamos na neutralidade. Temos uma posição, escolhemos um lado.

Não se defende a democracia abrindo as portas ao anti-democrático. Consequentemente, só podemos estar contra a criação de um museu Salazar, tenha ele o nome que tiver. Não se trata de querer apagar a história. A URAP, da sua parte, muito se tem mobilizado por levar a história mais longe – com sessões em escolas que alcançam milhares de jovens, com visitas guiadas, etc. – e mais fundo – com investigação documental, com publicações, etc. É, no entanto, verdade que a história anda a ser apagada, mas não é pelos antifascistas: veja-se, por exemplo, os manuais escolares e a forma pobre ou mesmo enviesada como tratam o fascismo e o 25 de Abril.

Temos assistido ao apagamento do 25 de Abril, do papel da resistência organizada e dos resistentes, à sua reescrita. Temos assistido à reabilitação da figura de Salazar (quem não se lembra do concurso de personalidades?) e ao branqueamento do fascismo português (quem não notou a progressiva deslocação de “ditadura fascista” para “estado novo”?). Temos assistido ao surgimento, promoção e inflacionamento artificial de forças de extrema-direita.

Por isso, de certa forma, não é de espantar que surjam artigos e editoriais de jornais (e.g. Público, 12/09) a condenar a condenação do museu (em nome de uma democracia mais democrática, claro). Por isso, não é de espantar que a pessoa que o Presidente da República convidou a discursar do 10 de Junho diga que “ser anti-salazarista em 2019 é uma patetice. Mais: é uma afronta aos que efectivamente resistiram a Salazar, e não ao seu fantasma” (Público, 10/10). Se João Miguel Tavares quisesse saber o que estes consideram um insulto, teria lido a carta que os 204 presos políticos endereçaram ao Primeiro-Ministro. Mas ele não quer saber. JMT é, por si, a prova de que ser anti-salazarista em 2019 não é uma patetice. É uma posição de hoje e do futuro.

Porém, não deixa de ser notável que, em face da derrota da tentativa de 2007 de fazer um museu Salazar, e em face da movimentação (ver pp. 10 e 11) contra uma nova tentativa em 2019, o mesmo tenha de ter sido embrulhado numa “Rede de Centros de Interpretação de História e Memória Política da Primeira República e do Estado Novo”, projecto para cinco espaços dinamizado por cinco autarquias, uma associação de desenvolvimento local e um centro de investigação da Universidade de Coimbra, misturando, sob a mesma Rede, personalidades como Salazar e Aristides de Sousa Mendes.

Não tenhamos ilusões: independentemente de quaisquer que sejam as intenções dos promotores, importa aquilo que ele objectivamente viria a ser. Tratar-se-ia de um museu na terra natal do ditador, a partir do espólio pessoal do ditador, numa antiga cantina com o nome do ditador, próximo da campa do ditador.

Os neo-fascistas percebem bem isto que alguns não querem ver: a possibilidade de, a partir daqui, se constituir um local de homenagem, romagem e acção contra o Portugal de Abril. E, por isso mesmo, grupos destes defendem a criação deste museu. Não podemos estar deste lado.

A história é um campo de luta e é ao mesmo tempo reflexo de outras lutas mais fundas. E é-o porque ela tem sempre um pé no futuro, ela acaba visando o futuro.

No passado, os democratas e antifascistas tiveram de enfrentar com coragem e sem vacilação a violência dos bastões da GNR e da PIDE. Mas o fascismo não vem sempre de botas cardadas porque

## **MAIS DE 100 MIL VISITARAM O MUSEU NACIONAL DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE** - págs. 6 e 7

Em apenas cinco meses foram mais de 100 000 as pessoas que, vindas de todo o País, visitaram o Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, instalado na Fortaleza de Peniche. O Museu ainda está na sua primeira fase.

## **NÃO AO «MUSEU SALAZAR»** - págs. 8 a 11

## **PARLAMENTO APROVA MUSEU DA RESISTÊNCIA NO PORTO** - pág. 3

é uma minhoca (usando as palavras de Sérgio Godinho). Hoje, a mesma coragem e determinação é exigida aos democratas e antifascistas para enfrentar os pézinhos de lâ (que é também como quem diz os escritos delico-doces pretensamente democraticistas dos fazedores de opinião).

Por isso, vamos dar força à petição que agora foi lançada, por iniciativa da URAP,

dirigida à Assembleia da República, com o objectivo de ser discutida em plenário no início da nova legislatura, reforçando e alargando o anterior abaixo-assinado, dirigido ao Primeiro-Ministro, e o voto contra o museu Salazar da Comissão Permanente da AR (ver pp. 10 e 11).

Dia 26 de Outubro, vamos todos a Peniche defender o Museu Nacional da

Resistência e da Liberdade e assinalar esta vitória (ver p. 12). E muito nos congratulamos com outra vitória (para a qual a URAP, através do núcleo do Porto, foi determinante) que é a consolidação do objectivo de fazer na antiga sede da PIDE no Porto um museu da Resistência (ver p. 3).

Ana Pato

EM MOVIMENTO

## URAP CONTRA REUNIÃO DE ORGANIZAÇÕES NAZIS EUROPEIAS

A URAP condenou publicamente a realização em Lisboa, a 10 de Agosto, de uma reunião de organizações nazis europeias: «No ano em que se comemoram 45 anos da Revolução dos Cravos e em que, por todo o País, se festejou a Liberdade e a Democracia, tal iniciativa, que contraria as normas da Constituição da República Portuguesa, constitui um insulto ao povo português que, em Abril de 1974, derrubou a ditadura fascista», sublinhou, em comunicado de dia 6 do mesmo mês.



## VIOLÊNCIA NEOFASCISTA NA ALEMANHA

O presidente do governo Norte Hessiano, Walter Lübcke, pertencente à CDU alemã, foi assassinado perto de Kassel, dia 2 de Junho, por estar de acordo com a política de refugiados adoptada pela chanceler Angela Merkel e pelo Governo Federal Alemão.

Lübcke, que foi assassinado com um tiro na cabeça pelo neo-nazi Stephan Ernst, era a favor do acolhimento e integração de refugiados em território alemão, defendendo nomeadamente a participação de refugiados em reuniões de cidadãos e considerando o acolhimento de pessoas em fuga como uma obrigação humanitária. A URAP, como membro da FIR – Federação Internacional de Resistentes, manifesta o seu repúdio e preocupação com o aumento da violência neofascista na Alemanha.



## DIREITOS DAS MULHERES 45 ANOS DEPOIS DE ABRIL NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

A convite da Assembleia Municipal de Lisboa, a coordenadora da URAP falou sobre a Mulher e o Trabalho no Fórum Lisboa, dia 27 de Junho, na primeira sessão do Debate Temático «45 Anos depois do 25 de Abril, os Direitos das Mulheres no Mundo do Trabalho».

Na sua intervenção, Marília Villaverde Cabral lembrou que a «Constituição de 1933 consagra a inferioridade das mulheres perante a lei, em resultado da sua natureza e do bem-estar da família» e lembrou que, ao longo dos tempos, as

mulheres «souberam criar organizações próprias, ilegais, semilegais e mesmo legais que levaram a cabo grandes e pequenas acções de esclarecimento e mobilização», nomeadamente a Associação Feminina Portuguesa para a Paz (1935), os núcleos femininos do Movimento de Unidade Nacional Antifascista (1943-1949), o Movimento de Unidade Democrática (1945-49), o Movimento Nacional Democrático (49-50), Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, e, a partir de 1969, do Movimento Democrático de Mulheres».



**URAP**  
Propriedade e edição da  
**UNIÃO DE RESISTENTES  
ANTIFASCISTAS  
PORTUGUESES**  
Membro da Federação  
Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**  
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
**AV. JOÃO PAULO II, LOTE 540-2D, LJ 2**  
**1950-157 LISBOA • TELEFONE 213 576 083**

## ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA VOTA PELA CRIAÇÃO DE UM MUSEU DA RESISTÊNCIA NO PORTO

A Assembleia da República aprovou, no final do mês de Julho, uma resolução defendendo a criação de um Museu da Resistência no Porto, nas antigas instalações da PIDE nesta cidade, projecto pelo qual a URAP se tem batido.

A versão final do documento aprovado resulta de dois projectos de resolução apresentados pelo Bloco de Esquerda e pelo Partido Comunista Português. Votaram favoravelmente PS, BE, PCP, PEV, PAN; PSD absteve-se e CDS-PP votou contra.

A URAP congratula-se com este importante passo para a preservação da memória e o combate ao branqueamento do fascismo. Desta forma, consolida-se institucionalmente a execução do projecto museológico Do Heroísmo à Firmeza – Percursos da Memória na Casa da PIDE no Porto (1936/74), já em curso, dinamizado pelo Nucleo do Porto e em curso desde 1 de Setembro de 2015, data da assinatura do Protocolo entre o Exército Português e a URAP.



## DEBATE NO BARREIRO SOBRE ASSOCIATIVISMO E RESISTÊNCIA

O núcleo da URAP do Barreiro assinalou os 45 anos da revolução do 25 de Abril num encontro/debate organizado em conjunto com a Associação das Colectividades do Concelho do Barreiro (ACCB), dia 22 de Junho, subordinado ao tema Da Resistência à Liberdade – O Associativismo Popular.

Na sessão – que tinha como convidado especial José Pedro Soares, ex-pres

político e membro da direcção da URAP – intervieram igualmente Joaquim Escoval, da Confederação das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, e Daniel Ventura, presidente da Associação das Colectividades do Concelho do Barreiro. No final, realizou-se um momento cultural com a participação de Manuel Manços, escritor e cantor, acompanhado Luís Reis na guitarra.



## HISTORIADOR ANTÓNIO BORGES COELHO DISTINGUIDO COM MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL

António Borges Coelho, professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi distinguido, dia 31 de Maio, com a Medalha de Mérito Cultural, pelo seu percurso de vida «caracterizado pela intensa actividade política e académica».

A cerimónia decorreu no Palácio da Ajuda na presença da ministra da Cultura, Graça Fonseca, e muitas individualidades. A coordenadora da URAP, Marília Villaverde Cabral, representou a organização, da qual Borges Coelho já foi presidente da Assembleia-geral.



## JOSÉ MARIA DO ROSÁRIO NASCEU HÁ 100 ANOS – IN MEMORIAM



José Maria do Rosário (1919-1987), nome maior da democracia portuguesa, fundador da URAP e presidente do Conselho Directivo, nasceu há cem anos. Militante do PCP, torneiro mecânico, era natural de S. Cristóvão, Ovar, onde nasceu a 2 de Junho de 1919. Morreu em 1987. Esteve preso por três vezes, combateu o fascismo durante toda a sua vida e em 1973 participou no III Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro, do qual fez parte de Comissão Nacional.

Depois do 25 de Abril, enquanto dirigente da URAP, organização fundada a 30 de Abril de 1976, José Maria do Rosário foi membro efectivo da Federação Internacional de Resistentes (FIR) e bateu-se pela criação de um Museu da Resistência na Fortaleza de Peniche.

# OS QUE PARTEM

Foi com muita tristeza e um reconhecimento enorme pela vida e obra dos companheiros António Reizinho, Isaura Silva Borges Coelho, Rúben de Carvalho, António Areosa Feio, Manuel Louzã Henriques, Armando da Cunha Santos e Vasco Costa Santos, que a URAP assistiu à sua morte durante este trimestre.

## António Rogério Reizinho Falcão



No passado dia 21 de Abril, faleceu com 84 anos o ex- -preso político, fundador e dirigente do núcleo da URAP de Cova da Piedade/Almada. Dedicado militante antifascista, figura notável de resistente determinado nas suas convicções, sociais e políticas, aderiu ao PCP em 1963, mantendo-se firme e activo até ao fim da sua vida. Casado com Maria do Nascimento Bonança, também ela militante antifascista, era pai de dois filhos e dois netos.

## Isaura Borges Coelho

Combatente antifascista e pelos direitos das enfermeiras e de contestação à política do regime salazarista, sócia da URAP, morreu dia 11 de Junho, aos 92 anos.

Nascida em Portimão em 20 de Junho de 1926, lutou contra as condições de trabalho das enfermeiras e contra a lei que proibia o seu casamento, que só terminaria em 1963.

Foi membro do Movimento de Unidade Democrática (MUD) em 1953 e presa nesse ano por dinamizar o «movimento das enfermeiras». Condenada a dois anos de prisão maior, à perda de direitos políticos por 15 anos e a medidas de segurança prorrogáveis, passou quatro anos em Caxias. Casou no Forte de Peniche com o historiador e resistente António Borges Coelho, em 1959.

Foi condecorada, em 2002, com a Ordem da Liberdade, e, em Dezembro de 2018, com o título de cidadã benemérita e com a Medalha de Honra pelo Município de Portimão.



## Ruben de Carvalho



Antifascista, sócio da URAP e militante do Partido Comunista Português, morreu na madrugada de 11 de Junho, em Lisboa, aos 74 anos. Jornalista, Ruben de Carvalho era um profundo conhecedor de música, foi Chefe de Redacção do Avante!, órgão central do PCP, entre 1974 e 1995. Membro do PCP desde

1970, pertencia ao Comité Central e ao Executivo da Comissão Nacional da Festa do Avante!.

Ruben de Carvalho participou na luta antifascista desde os anos 60 e foi preso várias vezes. Militou no movimento estudantil, foi activista da Oposição Democrática e, após o 25 de Abril, foi membro da direcção do Movimento Democrático Português – Comissão Democrática Eleitoral (MDP/CDE) e chefe de gabinete do ministro sem pasta, Prof. Francisco Pereira de Moura, no I Governo Provisório. Foi deputado na Assembleia da República e vereador das câmaras municipais de Setúbal e Lisboa.

Teve um papel destacado nas Festas de Lisboa, LISBOA 94 – Capital Europeia da Cultura e no Festival das Músicas e Portos. Era membro do Conselho Directivo do Centro Cultural de Belém.

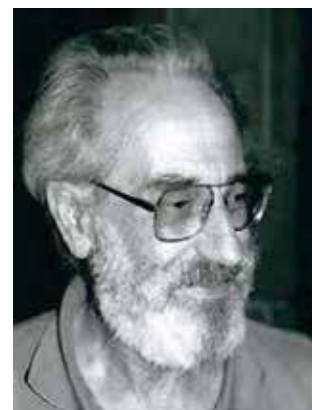
## António Areosa Feio

Engenheiro, comunista, figura incontornável do combate ao regime salazarista e sócio da URAP, morreu dia 21 de Junho, em Lisboa, aos 96 anos. António Barreto Areosa Feio nasceu em Vila Nova de Gaia, a 4 de Agosto de 1922. Dirigente associativo desde

muito jovem aderiu ao MUD em 1945 e em 1949 fez parte da Comissão Central do Movimento Nacional Democrático.

Preso pela primeira vez em 1946, acusado de pertencer ao Partido Comunista desde fins de 1942, foi julgado no Tribunal Plenário de Lisboa e condenado a 18 meses de prisão. Preso de novo em 1949, é condenado e, em fins de Junho de 1953, sai em regime de liberdade condicional, por três anos.

Pertenceu à Comissão Nacional para a Defesa da Paz (1950) e às comissões eleitorais das candidaturas



à Presidência da República de Norton de Matos (1949), Ruy Luís Gomes (1951), Arlindo Vicente (1958) e Humberto Delgado (1958). Nas eleições de 1969 foi candidato por Beja nas listas da CDE e, em 1973, candidato da Oposição por Évora.

De novo preso em 1963, é outra vez julgado no Tribunal Plenário de Lisboa, cumprindo mais 24 meses de prisão. Em 1973, fez parte da Comissão Nacional do III Congresso da Oposição Democrática, realizado em Aveiro, e apresentou uma tese intitulada Significado do III Congresso da Oposição Democrática.

Depois do 25 de Abril, foi presidente do Fundo de Fomento da Habitação, chefe de gabinete dos secretários de Estado da Habitação e Turismo, no III e no V governos provisórios. No IV Governo Provisório desempenhou as mesmas funções junto do secretário de Estado da Administração Local. Dedicou-se depois ao movimento sindical.



## Manuel Louzã Henriques

Médico psiquiatra, escritor e político antifascista morreu a 29 de Julho em Coimbra, aos 85 anos. Nascido a 6 de Setembro de 1933 em Castanheira de Pêra, iniciou a sua actividade política na luta académica, nomeadamente em torno do Decreto 40.900. Foi vice-presidente do TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), integrou a TAUC (Tuna Académica da

Universidade de Coimbra) e ainda formações musicais estudantis.

Membro do MUD Juvenil e, desde 1958, do Partido Comunista Português, integrou nesse ano a comissão de apoio à candidatura de Arlindo Vicente e depois de Humberto Delgado. Foi preso de 1962 a 1965, no Aljube, em Caxias e Peniche. Foi candidato da Oposição Democrática em 1962. Após o 25 de Abril foi candidato à Assembleia Constituinte, em 1975, e por diversas vezes candidato da APU e CDU em vários actos eleitorais.

Dedicou à cultura popular grande parte da sua vida, era coleccionador de instrumentos musicais populares e de alfaias agrícolas, cujos artefactos rurais foram cedidos à Câmara Municipal da Lousã e incorporados no Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques.

## Armando da Cunha Santos



Aos 85 anos, faleceu no dia 3 de Agosto, no Barreiro, o antigo preso político e membro da URAP. Pertenceu ao MUD Juvenil e era membro do Partido Comunista Português desde os anos 50 do século XX. Foi preso em 1957 e condenado a 24 meses de prisão e medidas de segurança, perda de direitos políticos por cinco anos e só viria a ser libertado em 1962. Conheceu e sofreu a repressão do regime fascista tendo estado preso nas cadeias de Aljube, Caxias e Peniche. Em 1963, foi novamente preso, libertado em 1964, com termo de identidade e residência do qual só em 1966 se libertaria.

Desenvolveu também uma constante actividade no movimento associativo no Barreiro e nas últimas décadas foi presidente do Cine-Clube. Por estas razões, foi agraciado pela Câmara Municipal do Barreiro em 2003 pela menção de «Barreiro Reconhecido».

## Vasco Costa Santos



Membro fundador da URAP, resistente antifascista e militar de Abril, morreu dia 1 de Setembro, aos 99 anos. O Comandante Costa Santos, oficial da Marinha, teve um percurso de vida dedicado à democracia, tendo em 12 de Março de 1959 participado na conhecida «Revolta da Sé» que lhe valeu um ano e três meses de prisão pela PIDE.

Por razões políticas, passou compulsivamente à situação de Reforma por ordem do Conselho de Ministros.

Depois de Abril de 1974, foi Comandante Naval do Continente e, quando do 25 de Novembro, foi um dos militares da Marinha que não prestou obediência ao então Presidente da República, General Costa Gomes.

Por ocasião do seu 90.º aniversário, realizou-se na Voz do Operário, em 25 de Setembro de 2010, um Encontro de Marinheiros – com oficiais, sargentos e praças –, para homenagear a figura do Comandante Costa Santos, no qual a URAP esteve presente, representada pelo Conselho Directivo.

# MUSEU NACIONAL DA RESISTÊNCIA E DA LIBERDADE MAIS DE 100 MIL VISITAS



Num curto período de cinco meses, assistidos por guias do Museu, por audioguia ou acompanhados por ex-presos políticos, mais de 100 mil visitantes portugueses e estrangeiros marcaram presença na antiga Cadeia do Forte de Peniche, onde a memória histórica de 48 anos de fascismo está a ser implantada em museologia.

O museu assinalou o facto de se ter atingido este tão expressivo número de visitantes numa iniciativa dia 27 de Setembro inserida nas Jornadas Europeias do Património (ver caixa).

Este 15.º Museu Nacional, muito justamente designado da Resistência e da Liberdade, tem o objetivo maior de perpetuar a memória da resistência à ditadura, afirmando-se como um espaço de homenagem à árdua e sofrida luta travada em nome da liberdade e dos direitos humanos no nosso País durante os longos anos de repressão, constituindo-se simultaneamente como fonte de conhecimento e de reflexão sobre os valores a preservar para o futuro das novas gerações.

Na fase atual de instalação do Museu, são cinco os espaços distintos a percorrer pelos visitantes, que embora tendo destaques específicos por temas, não estão estanques entre si, na abordagem da memória histórica, a saber:

- O Memorial, que consagra justa

homenagem aos 2510 ex-presos políticos, esculpidos nome a nome, e que estiveram encarcerados naquele Forte, é também ponto de encontro obrigatório para relembrar os muitos milhares de presos que passaram por outras cadeias – Porto, Aljube, Caxias, Angra do Heroísmo e no famigerado Campo de Concentração do Tarrafal.

- O Parlatório, antigo espaço da cadeia política onde decorriam as visitas com os familiares, é onde também se fala aos visitantes das lutas e condições prisionais, da solidariedade do povo de Peniche aos presos políticos e suas famílias, terra que também foi de resistência e luta em destaque num painel de exposição contígua. No átrio de entrada para o Parlatório estão instaladas duas telas que vão projetando imagens das fichas de cadastro dos presos, extraídos dos

ficheiros da PIDE na Torre do Tombo.

- A Capela de St.ª Bárbara (padroeira dos pescadores) é onde está exposto o historial da fortaleza de Peniche desde a sua construção às utilizações sucessivas, com 3 telas de projeção de imagens.

- O Fortim Redondo ou «Segredo», onde os prisioneiros cumpriam desumanos castigos, é passagem obrigatória para contar a história corajosa da fuga de Dias Lourenço, e relatar também aos visitantes outras fugas, como a colectiva de 3 de Janeiro de 1960 com Álvaro Cunhal.

- E, por fim, a Exposição Por Teu Livre Pensamento, com muita documentação e projeção de imagens em 3 telas sobre a repressão do regime, as diferentes formas de luta e de resistência, a famosa fuga colectiva de Caxias no carro blindado de



Salazar, as guerras de libertação das colónias portuguesas, o MFA e o 25 de Abril, além de testemunhos em vídeo.

A URAP tem assumido um papel relevante e decisivo na luta pela criação e instalação deste imprescindível Museu, assim como na promoção e organização de visitas guiadas com ex-presos políticos. São muito diversificadas as entidades que nos procuram nesse sentido: sindicatos, associações, organizações políticas, comunidades escolares (públicas e privadas), etc. E vamos

continuar nesse rumo, disponíveis pelo contacto: geral@urap.pt

As visitas guiadas, a nosso ver, são a melhor opção para quem quer saber mais, por terem a vantagem de proporcionar o envolvimento e a criação de diálogos e uma interatividade evocadora de memórias e emoções, em particular no que se refere ao período da nossa história contemporânea, de resistência e de luta pelo derrubamento do fascismo.



## Indicações úteis para visitas ao Museu

- A entrada é gratuita.
- O horário, de quarta-feira a domingo, é das 10h00 às 18h00 (com última entrada pelas 17h15). Encerrado à segunda e à terça-feira.
- As visitas guiadas, não guiadas ou com utilização de audioguia, para grupos, requerem marcação prévia, para não haver sobreposições e indisponibilidade dos equipamentos.
- O audioguia do Museu pode ser também solicitado por visitantes individuais.
- Contactos do Museu Nacional:

Email: geral@mnrl.dgpc.pt

Tlm. 924 145 103

## Lançada 5.<sup>a</sup> edição do livro *Forte de Peniche, memória, resistência e luta*

O livro Forte de Peniche, Memória, Resistência e Luta, esgotado há cerca de dois meses, está agora disponível na sua 5.<sup>a</sup> edição. Editado pela URAP, no seguimento da luta contra a demolição dos pavilhões prisionais do Forte de Peniche e a sua cedência a privados para fins hoteleiros e turísticos, o livro tem agora mais páginas, tendo sido acrescentado um novo caderno com a informação da cerimónia de inauguração da primeira fase do Museu, a actualização do número de presos, uma nova coluna com a naturalidade de cada um e as imagens, intervenções e outros registos da grande Festa Popular de 25 e 27 de Abril.

No dia 28 de Setembro, em Condeixa-a-nova, realizou-se já a uma apresentação da 5.<sup>a</sup> edição, inserida no Roteiro antifascista, na Biblioteca Municipal, com António Regala, do Conselho Nacional da URAP, e José Pedro Soares, do Conselho Directivo da URAP e ex-presos políticos.

Com a 5.<sup>a</sup> edição atingiu-se já os 11 mil exemplares que, como se sabe, poderão ser adquiridos nas sessões que se irão continuar a realizar por todo o País, ou através dos membros, dos núcleos concelhios da URAP e também nos Serviços do Museu, na Fortaleza de Peniche.



## Jornadas Europeias do Património em Peniche



Organizado pelo Museu Nacional da Resistência e da Liberdade e com o apoio da URAP, o roteiro Lugares de Peniche – Solidariedade, Repressão e Resistência, realizado entre os dias 27 e 29 de Setembro, constou de um percurso guiado pelo centro da cidade de Peniche. Partindo do Museu, instalado no interior da Fortaleza de Peniche, os participantes conheceram locais representativos da solidariedade da população de Peniche para com os presos políticos e seus familiares, tal como alguns locais simbólicos da Repressão e Resistência, na então vila de Peniche.

Do programa constavam ainda um colóquio sobre Educação Patrimonial, um espectáculo de poesia pelo Teatro da Rainha, a exposição das obras Resistência e Parlatório, de Júlio Pomar, uma visita temática sobre a fuga de 3 de Janeiro de 1960, dirigida ao público infantil.

# MUSEU SALAZAR, NÃO!



O mês de Agosto ficou indiscutivelmente marcado, em termos de opinião pública e publicada, pelo combate de ideias e a polémica em torno da intenção (que a URAP logo denunciou em comunicado de 30 de Julho) do presidente da Câmara de Santa Comba Dão, Leonel Gouveia, de criar um Museu Salazar naquela localidade e pelo seu anúncio de que uma sua 1ª fase seria inaugurada já em Setembro.

Em resposta a esta ameaça aos valores em que se funda o regime democrático, adquiriu importância desde logo a petição enviada ao primeiro-ministro e ao Presidente da Assembleia da República por 204 ex-presos políticos reclamando a sua intervenção «para impedir a

concretização desse projecto que, (...), se prefigura como um instrumento ao serviço do seu branqueamento e um centro de rotação para os saudosistas do regime derrubado com o 25 de Abril». A propósito desta iniciativa, a URAP apoiou-a em comunicado, recordando que, em 2007, tinha promovido numa petição à AR que reuniu 16.000 assinaturas e que levou a que a Comissão de Assuntos Constitucionais tivesse aprovado por unanimidade um relatório condenando claramente aquele projecto.

Em apoio a esta iniciativa, por acção de um conjunto de 18 personalidades de diversos quadrantes político-ideológicos, foi lançado um abaixo-assinado electrónico dirigido ao primeiro-ministro

no qual se sublinhava que os signatários «conhecedores do que foi a ditadura do Estado Novo, manifestam, em nome próprio e no da memória de milhares de vítimas do regime – de que Salazar foi principal mentor e responsável – o mais veemente repúdio pela criação do Museu Salazar, recentemente anunciado pelo presidente da Câmara de Santa Comba Dão.» Este abaixo-assinado recolheu no espaço de 10 dias cerca de 18.000 assinaturas (que foram entregues ao Primeiro-ministro), o que constitui uma poderosa afirmação da memória histórica do que significou a ditadura fascista para o povo português.



A URAP considera que o chamado “museu Salazar” se tornaria num lugar de culto para saudosistas da ditadura



Salazar fez-se fotografar com a imagem do ditador fascista italiano Benito Mussolini

## Ex-presos políticos protestam contra criação do Museu Salazar

### Parlamento condena

Em 10 de Setembro, um passo muito significativo nesta luta foi dado com a aprovação na AR de um voto de condenação apresentado pelo PCP e que viria a ser aprovado também com os votos do PS, do BE e de «Os Verdes», tendo-se o PSD e o CDS absterido. Nele sublinhava-se, designadamente, que «ainda que autodenominado de “centro interpretativo” e criado sob o pretexto de um projecto académico, mas com um espólio baseado em objectos pessoais do ditador, tal instalação, desprovida de elementos de denúncia real da natureza da ditadura fascista que durante quase meio século oprimiu o povo português, liquidou as mais elementares liberdades, condenou o nosso país ao atraso e à miséria, reprimiu, torturou e assassinou, mais não seria, a ser concretizada, do que um local de romaria de antigos saudosistas da ditadura e de novos apoiantes de uma extrema-direita que se pretende assumir cada vez mais como ameaça à democracia».

Na componente deliberativa do voto de condenação, a Assembleia da República:

«1 – Condena firmemente a criação de um “museu” dedicado à memória do ditador Oliveira Salazar em Santa Comba Dão, independentemente da sua designação, considerando essa criação uma

afronta à democracia, aos valores democráticos consagrados na Constituição da República e uma ofensa à memória das vítimas da ditadura.

«2 – Apela aos promotores da criação de tal “museu” para que reconsiderem a sua posição e a todas as entidades, públicas e privadas, para que não apoiem, direta ou indiretamente essa iniciativa.»

### Combater a manipulação

É tempo de assinalar que a operação demagógica desencadeada com base na designação de «centro interpretativo» do Estado Novo esquece propositadamente várias questões. A saber:

- que, mesmo entre historiadores portugueses não há nenhum consenso automático sobre a natureza e características do chamado «Estado Novo», bastando dar como exemplo que alguns o caracterizam acertadamente como fascismo e que outros preferem a designação de «Estado autoritário»;
- que uma coisa é preferir enfatizar e só ver o «discurso ruralista» de Salazar e outra é registar que, apesar desse discurso, o seu regime promoveu, com os meios e a política estatal, uma elevadíssima concentração capitalista;
- que os historiadores envolvidos no projecto

nunca clarificaram com nitidez e segurança que espaço e relevo ocuparão em Santa Comba Dão as atrocidades e crimes cometidos pelo dito «Estado Novo» e

- que a localização do suposto «centro interpretativo» na Escola-Cantina Salazar, situada na Avenida Oliveira Salazar, em Santa Comba Dão, só por si representa um iniludível chamariz para manifestações de saudosistas da ditadura que tão barbaramente oprimiu o povo português.

Além disto, são absolutamente de repelir e rejeitar as torpes acusações de que, com as suas iniciativas, os democratas querem apagar a história ou ignorar que o «Estado Novo» existiu pela simples e cristalina razão de que todos e todas que se mobilizaram contra o «Museu Salazar» o que demonstram é um vivo e dorido conhecimento do que foi a ditadura fascista e não se cansam de o lembrar como base para a irradiação de valores indispensáveis ao nosso presente e futuro colectivos.

Em resumo, a acção já desenvolvida e a mobilização democrática já operada contra o «Museu Salazar» constitui um elemento de grande valor e um apreciável sucesso. Mas estamos perante uma batalha que não está ainda vencida. Mas, para a vencer, os democratas podem continuar a contar com o empenho da URAP.



Já em 2007 a mobilização dos democratas e antifascistas travou a intenção de construção do “museu Salazar”

# URAP LANÇA PETIÇÃO CONTRA O MUSEU SALAZAR, «TENHA ELE OS NOMES QUE TIVER»

Os portugueses têm vindo a tomar conhecimento de um projecto denominado «Centro de Interpretação de História e Memória Política da Primeira República e do Estado Novo», que surge após o anúncio do presidente da Câmara Municipal de Santa Comba Dão da criação do «Museu Salazar», dito «interpretativo do Estado Novo». Tal projecto levantou uma onda de protesto e indignação. A concretizar-se apenas serviria para desculpabilizar o regime fascista e reabilitar a figura do seu principal mentor e responsável.

Misturar figuras da República, democratas, homens de letras e de ciência, com a figura tenebrosa do ditador fascista, cria perplexidade e revolta, pois entre ditadura e liberdade, vítimas e carrascos, não pode haver neutralidade.

Nesse sentido, a URAP toma a iniciativa de dinamizar uma Petição dirigida à nova Assembleia da República, saída das eleições de 6 de Outubro, onde apela para que se trave e abandone a anunciada criação do «Museu Salazar», com esse ou outro nome, em Santa Comba Dão.

A criação de tal Museu seria um instrumento ao serviço do branqueamento do fascismo e de rotagem para os saudosistas do



Foto de Eduardo Gageiro

regime que perseguiu, prendeu e torturou milhares de democratas que lutaram pela liberdade.

É bem elucidativo o que se passou em 2007, quando amigos e associados da URAP, que participaram numa simples sessão de esclarecimento em Santa Comba Dão, tiveram à sua espera grupos de neofascistas, obrigando a GNR a intervir.

A criação do dito Museu seria naquela terra um elemento de desestabilização.

A URAP vai continuar a alertar para os perigos que este projecto encerra e apela a todos os democratas que continuem a manifestar-se contra a concretização de tal projecto.

Do que o País precisa é de multiplicar «lugares de memórias democráticas» como o Museu do Aljube, o de Peniche, ou o da sede da Pide no Porto e outros

centros académicos e cívicos, onde com veracidade histórica, a população e sobretudo as jovens gerações encontrarão documentos, exposições e outros materiais, como contributos esclarecedores do que foi o fascismo e a resistência.

Nesse sentido, apelamos para que assinem, partilhem e divulguem a Petição que a partir de hoje, 26 de Setembro, ficará online e também em papel.

**25 de Abril, Sempre! Fascismo Nunca Mais!**

**Primeiros subscritores, cidadãos e cidadãos, democratas de diferentes sensibilidades, profissões e regiões: médicos; advogados; juristas; operários; escritores; empregados; académicos; autarcas; membros de entidades do turismo; ex-presos políticos; jornalistas; músicos; sindicalistas; professores; estudantes; artistas e militares de Abril que agora vos apelam para que se juntem, assinem e divulguem.**

Abílio Fernandes, Adelino Pereira da Silva, Adelino Silva Nunes Pereira, Adilo Oliveira Costa, Aguinaldo Cabral, Albano Nunes, Alberto Lopes Andrade, Alexandre Jorge Almeida, Alfredo Campos, Alfredo Graça, Alfredo Maia, Alfredo Monteiro, Alice Capela, Alice Vieira, Alma Rivera, Almada Contreiras, Álvaro Beijinha, Amadeu Battel, Américo Flor, Amílcar Cardoso, Ana Margarida Carvalho, Ana Souto, Anabela Mota Ribeiro, André Carmo, Aniceto Henrique Afonso, António Antunes - Tó Trips (Dead Combo), António Avelãs Nunes, António Bernardo Colaço, António Branco, António Ceia da Silva, António Cluny, António Fernandes de Matos, António Figueira Mendes, António Gervásio, António Goulart, António José Martins, António

Lopes, António Manuel Simões Ferreira, António Martins, António Matos, António Menano, António Neto Brandão, António Recto, António Redol, António Regala, António Rodrigues Canelas, António Saiote, António Vilarigues, Apolónia Teixeira Aprígio Ramalho, Armando Myre Dores, Arménio Carlos, Augusto Flor, Avelino Gonçalves, Baptista Alves, Bernardino Soares, Camilo Mortágua, Carlos Campos Rodrigues Costa, Carlos Coutinho, Carlos Gonçalves Oliveira Duarte, Carlos Humberto Pinheiro Palácios de Carvalho, Carlos Manuel Tomé da Costa, Carlos Pinto Sá, Carlos Santos Pereira, Carlos Vale, Carvalho da Silva, Casimiro Menezes, Catarina Pires, Celso Moreira de Oliveira, Cláudio Torres, Conceição Matos, Custódia Chibante,

Damião Ribeiro, Daniel Cabrita, Daniel Sampaio, Deolinda Machado, Diamantino Estanislau, Dinis Lourenço, Diniz de Almeida, Diogo Correia, Domingos Abrantes, Domingos Lobo, Dulce Rebelo, Eduardo Gageiro, Emídio Martins, Eulália Miranda, Eva Soares de Pinho da Cruz Leite Freitas, Fátima Amaral, Faustino Reis, Fernando Medina, Fernando Paes, Firmino Martins, Francisco Bruto da Costa, Francisco Canelas, Francisco Dias Pereira, Francisco Duarte Mangas, Francisco Jesus, Francisco Lobo, Francisco Melo, Francisco Mesquita Machado, Glória Maria Marreiros, Gonçalo Lagar, Graciete Cruz, Guilherme da Fonseca Statter, Heitor Sequeira Alves, Hélder Madeira, Helena Pato, Henrique Mendonça, Herculana Velez, Hortênsia Meni-

# PETIÇÃO DE REPÚDIO E EXIGÊNCIA DE QUE SE TRAVE E ABANDONE A ANUNCIADA CRIAÇÃO DO «MUSEU SALAZAR», COM ESSE OU OUTRO NOME, EM SANTA COMBA DÃO.

O projecto da reabilitação da figura de Salazar e do fascismo, que cumpre denunciar já foi travado há anos atrás, na sua primeira versão. Agora, perante a amplitude da indignação que suscitou e suscita, reaparece de novo, encenado e refugiando-se, desta vez, com designação e dimensão pretensamente mais ampla e com contornos de investigação e critérios académicos mas sem iludir o objectivo prosseguido, de sediar em Santa Comba Dão um «museu» ao ditador, adoptando a designação de “Centro de Interpretação do Estado Novo”, projecto que a Assembleia da República já condenou em 2007 e agora, de novo, o reafirma na Comissão Permanente reunida a 11 de Setembro de 2019.

Nesse sentido, as cidadãs e cidadãos que se identificam e assinam a presente Petição, vêm solicitar ao Senhor Presidente da Assembleia da República e aos Senhores Deputados que, no início da nova legislatura, efectuem as diligências necessárias, no respeito pelos valores inscritos na Constituição da República, para que tal ofensa aos portugueses em geral, e em particular à memória dos milhares de vítimas do regime fascista do «Estado Novo», seja definitivamente travada e abandonada.

Considerando os sinais concretos do desenvolvimento de forças fascistas e fascizantes por toda a Europa (e não só), a criação de um museu como o anunciado em Santa Comba Dão, não será apenas um depósito do espólio do ditador Salazar, mas um centro de conspiração contra a Democracia e o Portugal de Abril.

O «museu» não vai ser «um local de estudo e um centro interpretativo do Estado Novo», como proclamam os seus defensores, mas sim um instrumento para congregar saudosistas do passado e assumir-se como centro de divulgação e acção enquadradas na matriz corporativa/fascista que a maioria do Povo sofreu sob o «Estado Novo».

Para fazer a história do «Estado Novo» existem já os baluartes e projecto da resistência e luta pela Liberdade em Peniche, no Aljube e outros deverão ser abertos, como a antiga cadeia da PIDE na Rua do Heroísmo, no Porto.

Ao que acrescem razões jurídico-substantivas para que não possa ser uma realidade a criação de tal associação-museu.

De facto, on.º4, do artigo 46.º da Constituição da República Portuguesa, proíbe todas as

organizações que partilhem a ideologia fascista, esclarecendo a Lei 64/78 de 6 de Outubro, que «são proibidas e não pode exercer toda e qualquer actividade as organizações que mostrem (...) pretender difundir ou difundir efectivamente os valores, os princípios, os expoentes, as instituições e os métodos característicos dos regimes fascistas (...) nomeadamente (...) o corporativismo ou a exaltação das personalidades das mais representativas daqueles regimes.»

Pelo exposto e nos termos do número 1, do artigo 52 da Constituição da República Portuguesa, os abaixo assinados solicitam que a Assembleia da República, em nome do Portugal de Abril, mas também da Constituição da República Portuguesa e da Lei, condene politicamente o processo de criação do «Museu Salazar», em Santa Comba Dão, e processe as diligências necessárias ao impedimento do intento que tanto ofende a memória dos milhares de vítimas do «Estado Novo» e os portugueses em geral.

no, Inês Fontinha, Isabel do Carmo, Jaime Carvalho, Jaime Mendes, Jaime Serra, Joana Dias Pereira, Joana Manuel, Joana Villaverde, João Carlos Lopes Serra, João Correia da Cunha, João Durão Carvalho, João Goulão, João Gralheiro, João Leonardo da Cunha, João Luís Madeira Lopes, João Miguel Judas, João Miranda, João Monge, João Neves, João Português, João Torres, Joaquim Almeida, Joaquim Barata, Joaquim Correia, Joaquim Judas, Joaquim Letria, Joaquim Loureiro, Joaquim Santos, Joaquina Silvério, Jorge Cabral Campos, Jorge Sarabando, Jorge Sario de Matos, José Abreu, José Alberto Quintino, José Barata-Moura, José Costa Neves, José Elio Sucena, José Ernesto Cartaxo, José Jorge Letria, José Goulão, José Lestra Gonçalves, José Lopes de Almeida, José Luís Peixoto, José Manuel Jara, José Manuel Mendes, José Manuel Sampaio, José Pedro Soares, José Santa Bárbara, José Teodósio Cachochas, José Veloso, José Viale Moutinho, José Viola,

Josué Marques, Júlia Maria de Almeida Lima e Sequeira Rodrigues, Júlio Dias, Laura Lopes, Levy Baptista, Lídia Jorge, Luís Cília, Luís Farinha, Luís Ferreira, Luís Filipe Lopes Pinheiro, Luís Filipe Pimenta Correia, Luís Miguel Carraça Franco, Luís Simão, Luísa Tito de Moraes, Machado dos Santos, Madalena Santos, Manuel Barbosa da Silva, Manuel Begonha, Manuel Condenado, Manuel Freire, Manuel José Costa Oliveira, Manuel Lima Bastos, Manuel Magrinho, Manuel Pedro, Manuel Strecht Monteiro, Manuela Bernardino, Margarida Barbedo, Margarida Taveira, Margarida Tengarrinha, Maria da Piedade Morgadinho, Maria das Dores Meira, Maria João Brilhante, Maria João Luís, Maria José Ribeiro, Maria Lourença Cabecinha, Maria Manuela Antunes da Silva, Mariana Metelo Cunha Lopes, Mariana Rafael, Mariana Silva, Marília Villaverde Cabral, Mário Araújo, Mário de Carvalho, Mário Pereira, Martins Guerreiro, Miguel Amoêdo Canudo,

Miguel Boieiro, Miguel Pessoa, Modesto Navarro, Nuno Júdice, Nuno Ramos de Almeida, Nuno Silva, Odete Santos, Osvaldo de Sousa, Otelo Saraiva de Carvalho, Pedro Estorninho, Pedro Fernandes, Pedro Gonçalves (Dead Combo), Pedro Santos, Pezarat Correia, Pilar del Río, Ribeiro Cardoso, Ricardo Ferraz, Rita Magrinho, Rodrigo Francisco, Rosalina Carmona Pica, Rui Cardoso Martins, Rui Garcia, Rui Mateus, Rui Namorado Rosa, Rui Nunes, Rui Raposo, Samuel Quedas, Santa Clara Gomes, Sérgio Augusto Costa Esperança, Sérgio Dias Branco, Sérgio Machado Letria, Sérgio Manso Pinheiro, Sérgio Ribeiro, Sérgio Vicente, Sílvia Pinto, Silvina Miranda, Susana Sousa Dias, Tarroso Gomes, Teresa Carvalho, Teresa Lopes, Teresa Tito de Moraes, Tiago Jacinto, Tiago Mota Saraiva, Tomás Urbano, Tomé Pires, Valter Ferreira, Vasco Lourenço, Vicente Barbedo Gonçalves, Vítor Costa, Vítor Proença, Vítor Zacarias, Vitorino, Zeferino Coelho.

# ENCONTRO/CONVÍVIO NA FORTALEZA DE PENICHE NO DIA 26 DE OUTUBRO. VAMOS TODOS PARTICIPAR!

A URAP está a organizar, pelo terceiro ano consecutivo, um encontro/convívio no dia 26 de Outubro de expostos políticos, familiares, amigos e democratas de diferentes sensibilidades na Fortaleza de Peniche, onde decorrem as obras da instalação do Museu Nacional da Resistência e Liberdade.

Depois de inaugurada a primeira fase do museu - dia 25 de Abril de 2019, seguida de um desfile e festa popular dois dias depois -, que já foi visitada por 100.000 pessoas, lançamos um apelo para que todos se desloquem a Peniche e transformem em festa e força o caminho que ainda falta percorrer.

Queremos assinalar três anos de árdua luta que levou à criação do Museu da

Resistência e Liberdade, mas também de parceria e colaboração para o avanço dos primeiros passos da sua instalação.

A cerimónia de inauguração da primeira fase do Museu foi inesquecível. A Fortaleza de Peniche não podia ser cedida a privados, não podiam ser destruídos os blocos prisionais da antiga cadeia fascista. Seria um insulto a todos os resistentes antifascistas, sobretudo aos que passaram longos anos naquelas masmorras, que ali fosse instalada uma pousada turística.

Após o primeiro encontro/convívio de 28 de Outubro de 2016, e dos outros subsequentes, vamos agora realizar um terceiro, dia 26 de Outubro próximo, a partir das 15h, para confraternizar e deixar claro o propósito da satisfação e também de apoio



ao que ainda falta fazer para a completa instalação desse espaço memória.

O Museu Nacional da Resistência e da Liberdade vai ser um local histórico no qual todos, sobretudo as novas gerações, vão poder conhecer com verdade e rigor o que custou a liberdade, o que significou o regime fascista. Um espaço de memória, um local de estudo, reflexão e valorização da luta, da democracia e da liberdade.

## VIAGEM DA RESISTÊNCIA

A URAP organiza uma nova viagem da resistência à Andaluzia para assinalar os 80 anos do fim da Guerra Civil de Espanha, de 13 a 17 de Novembro.

O percurso inclui Badajoz, Córdova, Fuente de Vaqueros (Museu Casa Natal Federico Garcia Lorca), Granada, Málaga (Museu Picasso), Sevilha, Villanueva del Fresno (local onde foi assassinado o General Humberto Delgado).

Para informações e inscrições: 930679585, 912690609, 933872836

A URAP, através do núcleo do Porto, continua a dinamizar o Projecto “Do Heroísmo à Firmeza” com a projecção de filmes. Estava agendada para o dia 5 de Outubro a exibição de “Até amanhã, camaradas”, realizado por Joaquim Leitão, a partir da obra de Manuel Tiago (Álvaro Cunhal)

[WWW.URAP.PT](http://WWW.URAP.PT)

[www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses](https://www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses)



## Desconto sobre desconto em combustível

O cartão que lhe permite poupar mais sempre que abastece

Com o Cartão Associação Mutualista Montepio Repsol é certo que vai poupar mais. Porque além do habitual desconto de 6 cêntimos, este cartão permite acumular outros descontos e vantagens em vigor nas estações de serviço Repsol aderentes. São descontos sobre descontos, no caminho de vantagens que é ser nosso Associado.

E ao abastecer com combustíveis Repsol Neotech no mês de aniversário da Associação Mutualista ganha pontos a dobrar no seu cartão Repsolmove.

Informe-se já em [montepio.org](http://montepio.org)

PUB



Associação Mutualista  
**Montepio**  
Juntos por todos